TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

PL estuda aceitar com restrições a quebra de sigilos

O PL está preocupado com o desafio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de que ele e Flávio Bolsonaro (PL) entreguem à Justiça autorização para quebra seus sigilos bancários e telemáticos ainda antes do segundo turno da eleição presidencial. Incluindo os sigilos de seus familiares.

Os integrantes do comando da campanha consideram uma proposta demagógica e eleitoreira, mas pretendem analisar o nível de repercussão que o desafio terá junto à opinião pública, assim como o uso que a equipe de Lula fará, para então decidir se Flávio deve ou não aceitar o desafio.

Nesse meio tempo estão sendo acionados advogados para saber que tipo de restrições podem ser incluídos na quebra de sigilo, caso ela seja aceita. A ideia é não fornecer uma abertura ampla.

O consentimento voluntário para a quebra de sigilo (seja bancário, fiscal, médico ou de dados) é legalmente permitido, desde que informado expressamente pelo próprio titular, especificando as informações protegidas por lei que serão reveladas a terceiros. Não tem valor jurídico uma autorização genérica. Isso possibilita que não se dê margem à abertura dos dados que não interessam ao autor do documento. Pode haver restrições não explicitadas. Ou seja, é um assunto complexo.

O PL está encarando, portanto, como uma jogada eleitoral da campanha do PT que não precisa ser levada na ponta do lápis. É possível procurar uma saída que dê discurso ao candidato Flávio Bolsonaro e impeça que o desafio tenha maiores proporções, avaliam os aliados do senador.

Mesmo porque são apenas três situações em que o PT e Lula poderão tentar dar maior divulgação ao desafio. A primeira é no tempo do partido durante o horário eleitoral gratuito no rádio e na TV. O programa só vai ao ar até o dia 23, a próxima sexta-feira. Portanto, serão apenas quatro dias até lá. A outra, é no debate da Globo, também na sexta-feira. E a terceira possibilidade de divulgação é via redes sociais, que já são atentamente vigiadas pelos advogados da campanha para obter embargos na Justiça.

Além disso, há no desafio de Lula um ponto que pode ser legalmente contestado: apenas o titular do sigilo pode abrir o acesso de seus dados a terceiros. O que significa que o candidato – seja ele Lula ou Flávio – não pode quebrar o sigilo de toda sua família. Será necessário que cada um dos familiares redija e assine um documento. No caso de Lula, são muitos parentes diretos. Já na família de Flávio há dificuldades como as de Eduardo Bolsonaro, que está nos Estados Unidos. Ele teria que fornecer a quebra de sigilo autorizada pela Justiça daquele país?

Por tudo isso, do ponto de vista objetivo, o desafio de Lula não está sendo levado muito a sério na equipe de Flávio Bolsonaro. Devido à sua complexidade, há espaço para burlas à proposta.

Mas, do ponto vista político e até de suas possíveis consequências eleitorais, aí sim o desafio inspira cuidados entre os bolsonaristas e está sendo levado a sério. Tão a sério que se estuda até uma forma de aceitar.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

Flávio e o risco de seguir Marçal

Ao optar pela cartilha de debate-circo (definição divulgada pelo cientista político Antonio Lavareda) proposta por Pablo Marçal, Flávio Bolsonaro arrisca-se a ser mais uma vítima do coach que não vacila em colocar em risco a vida dos seduzidos por suas promessas de prosperidade.

Na ânsia de encontrar um jeito de enfrentar o presidente Lula (PT) no debate da Band, Flávio pareceu ter esquecido de sua vitória no primeiro turno e adotou uma receita adequada a candidatos nanicos, que precisam criar oportunidades cênicas e efeitos especiais para aparecer.

Foi o caso de Marçal na disputa da Prefeitura de São Paulo. Vestido com o uniforme do minúsculo PRTB, sem experiência política e tendo como trunfo apenas seu talento de vendedor de ilusões de prosperidade, ele meteu na cabeça a melancia da mentira e da agressividade para conquistar visibilidade nos debates: foi derrotado e ganhou uma cadeirada, inelegibilidade por oito anos e condenações por abuso de poder econômico e uso indevido dos meios de comunicação.

Ao abraçar o catecismo de Marçal, o candidato do PL à Presidência fez como os 32 iludidos que, em 2022, aceitaram o desafio proposto pelo empresário de encarar uma arriscadíssima escalada do Pico do Marins, em Piquete, São Paulo. Isso, sem guia, com rajadas de ventos de 100 km/h e visibilidade de até dez metros. Todos foram salvos pelos bombeiros.

No domingo retrasado, ele dobrou a aposta e levou outras três dezenas de fiéis para participar de um Ironman no Paraguai, prova de resistência que inclui natação, ciclismo e corrida. Muitos dos marçalistas não sabiam nadar; vários, entre eles, o próprio coach, precisaram ser socorridos e retirados do Rio Paraná.

Ao recorrer a Marçal, Flávio indicou duvidar da sua própria capacidade, buscou socorro de um picareta — presente na plateia da Band — que engana incautos com sua oratória de viés religioso, focada na constante busca da superação física e emocional supostamente protegida pelos Céus (na expedição suicida de Piquete, ele rogou a Deus que fizesse parar de ventar).

A lógica de Marçal e de tantos outros ilusionistas, inclusive religiosos, é simples: oferecer uma espécie de mapa do tesouro para aqueles que não têm capacidade, condições ou paciência para seguir o duro e nem sempre compensador caminho do trabalho.

Flávio caminhou na trilha indicada por seu guru: ignorou as perguntas, trocou o debate pelas provocações, abusou de intervenções gestuais indevidas nos momentos em que o adversário falava, optou pelo deboche, mostrou arrogância, atuou como um humorista que encena a sátira de um confronto entre dois candidatos à Presidência da República.

Seria temerário dizer que sua performance o levará à derrota, o resultado das urnas continua a ser imprevisível, mas, ao abraçar Marçal, Flávio parece, como os demais clientes do coach, ter tomado consciência de suas próprias limitações. Agora, busca saída em soluções mágicas que o façam voar em direção ao pico e caminhar sobre águas turbulentas.

EDITORIAL

Le Pen pode crescer com os protestos na França

As ondas de protestos que voltam a sacudir a França revelam uma crise que ultrapassa os limites da ordem pública e ameaça produzir consequências profundas para o futuro político da Europa. A insatisfação popular, a perda de confiança nas instituições e o desgaste dos partidos tradicionais criam um ambiente favorável ao avanço da ultradireita, que pode transformar a revolta nas ruas em votos e conquistar, pela primeira vez, o comando do governo francês.

A França ocupa posição central na União Europeia, ao lado da Alemanha, e exerce influência decisiva sobre as políticas econômicas, migratórias e de segurança do continente. Uma mudança radical na orientação política de Paris teria repercussões sobre o funcionamento do bloco, a cooperação entre seus integrantes e a defesa de princípios democráticos. Em um cenário internacional marcado por conflitos e disputas geopolíticas, a instabilidade francesa representa mais um fator de incerteza para uma Europa já pressionada pelo nacionalismo e pela polarização.

Os protestos, entretanto, não significam necessariamente apoio à ultradireita. A insatisfação popular reúne motivações diversas, que vão do custo de vida à insegurança, passando pela percepção de distanciamento entre governantes e cidadãos. O problema começa quando as forças políticas tradicionais se mostram incapazes de responder a essas demandas e deixam um vazio que pode ser ocupado por discursos radicais.

É justamente nesse espaço que o Reagrupamento Nacional, associado a Marine Le Pen e Jordan Bardella, procura avançar. A legenda apresenta-se como alternativa ao sistema político estabelecido e explora o descontentamento com promessas de endurecimento na segurança, restrições à imigração e defesa dos interesses nacionais. Ao atribuir problemas complexos a inimigos identificáveis, a ultradireita oferece respostas aparentemente simples e conquista eleitores frustrados com a política convencional.

A possibilidade de assumir o poder nacional, contudo, depende da capacidade de transformar popularidade em maioria eleitoral. A eleição presidencial francesa, prevista para 2027, será decisiva. A união dos adversários da ultradireita, a força dos candidatos concorrentes e a evolução da crise social poderão determinar o resultado.

A resposta democrática não deve se limitar à repressão dos distúrbios ou à condenação genérica dos protestos. É indispensável distinguir atos violentos de reivindicações legítimas e enfrentar as causas da insatisfação com políticas públicas consistentes, diálogo e responsabilidade fiscal e social.

A França encontra-se diante de uma advertência que vale para toda a Europa: quando a democracia perde a capacidade de oferecer perspectivas concretas, os extremistas ganham espaço para se apresentar como solução. Evitar que a crise abra as portas do poder à ultradireita exige mais do que discursos contra o radicalismo. Exige resultados capazes de devolver à população a confiança nas instituições e no futuro.

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-202

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal